

OLHAR DEVAGAR: ARTICULAÇÕES ENTRE SOCIOLOGIA E FOTOGRAFIA NO ESTUDO DAS PRÁTICAS TURÍSTICAS FOTOGRÁFICAS NO PORTO

Eduardo Silva* & Lígia Ferro**

Resumo

Este artigo reflete sobre a longa exposição fotográfica enquanto método de recolha de dados na sociologia e nos estudos de turismo. Relacionando ordenamento turístico (macro), imaginários turísticos (meso) e olhares dos turistas (micro) segundo lógicas de poder, estruturação e agregação, analisa-se aqui o fenómeno turístico na escala interacional. Sabemos que o turismo integra modelos de (re)valorização simbólica dos lugares que usam a fotografia na sua promoção enquanto destinos turísticos, e que apesar das influências multissensoriais externas, os sujeitos são agentes na construção da sua experiência turística e do seu próprio imaginário turístico. Assim, adotou-se uma metodologia qualitativa que usa a longa exposição fotográfica em contexto de abordagem etnográfica para observar as dinâmicas de ocupação e uso dos lugares em contexto turístico. Do caso de estudo analisado, emerge a noção de que o imaginário turístico forma-se sobretudo durante a experiência do turista no lugar, no âmbito da qual a prática fotográfica desempenha um papel relevante. O seu estudo releva que entre o ordenamento da experiência do turista e o olhar que este/a vai formando durante a mesma se constrói o seu imaginário turístico, o qual é composto por dimensões simbólicas e impressões subjetivas que surgem nos seus discursos e na sua performance turística no lugar, acessíveis pela fotografia e pelas palavras.

Palavras-chave: Sociologia do Turismo; Fotografia; Etnografia; Património Turístico.

TO LOOK SLOWLY: ARTICULATIONS BETWEEN SOCIOLOGY AND PHOTOGRAPHY ON THE STUDY OF PHOTOGRAPHIC TOURISTIC PRACTICES IN PORTO

Abstract

This paper analyzes long exposure photography as a data collection method in sociology and tourism studies. Relating tourism ordering (macro), touristic imaginaries (meso) and tourists' gazes (micro) according to logics of power, structuring and aggregation, the touristic phenomenon is here analyzed on the interactional scale. We know that tourism integrates models of symbolic (re)valuing of places that use photography in its promotion as touristic destinations, and that despite all the multisensory external influences the subjects are agents in the construction of their touristic experience and of their own touristic imaginary. Therefore, a qualitative methodology was adopted which uses long exposure photography as part of ethnography to observe the dynamics of occupation and use of places in a touristic context. From the case study analyzed, the notion that the touristic imaginary is mostly formed during the experience of the tourist in the place emerges, within which photographic practice plays an important role. Its study highlights that between the ordering of the tourist's experience and the gaze he/she forms during it builds his/her touristic imaginary, which is composed by symbolic dimensions and subjective impressions that surface on his/her discourses and on his/her touristic performance on the place, accessible through photography and through words.

Keywords: Sociology of Tourism; Photography; Ethnography; Touristic Heritage.

MIRANDO LENTAMENTE: VÍNCULOS ENTRE SOCIOLOGÍA Y FOTOGRAFÍA EN EL ESTUDIO DE LAS PRÁCTICAS TURÍSTICAS FOTOGRÁFICAS EN OPORTO

Resumen

Este artículo (re)posiciona la larga exposición fotográfica como método en la sociología y en los estudios de turismo. Relacionando ordenamiento turístico (macro), imaginarios turísticos (meso) y la mirada de turistas (micro) según lógicas de poder, estructuración y agregación, se analiza aquí el fenómeno turístico en una escala interaccional. Sabemos que el turismo integra modelos de (re)valoración simbólica de los lugares que utilizan la fotografía en su promoción como destinos turísticos y que, a pesar de todas las influencias multissensoriales externas, los sujetos son agentes en la construcción de su experiencia turística y de su propio imaginario turístico. Así, se adoptó una metodología cualitativa que integra la larga exposición fotográfica en el contexto de un enfoque etnográfico para observar las dinámicas de ocupación y de uso de los lugares en contexto turístico. Del caso en estudio analizado surge la noción de que el imaginario turístico se forma principalmente durante la experiencia del turista en el lugar, dentro de la cual la práctica fotográfica juega un papel importante. Su estudio destaca que entre la organización de la experiencia del turista y la mirada que va (re)construyendo durante la misma se encuentra su imaginario turístico, el cual se compone de dimensiones simbólicas e impresiones subjetivas que surgen en sus discursos y en su actuación turística en el lugar, accesibles a través de la fotografía y las palabras.

Palabras clave: Sociología del Turismo; Fotografía; Etnografía; Patrimonio Turístico.

1 INTRODUÇÃO

A iminência das datas em que o turismo e a fotografia despontam enquanto práticas sociais de massas é relevada por Carol Crawshaw e John Urry (2003[1997]), sendo que Louis Daguerre apresenta o daguerreótipo em 1839 e Thomas Cook organiza em 1841 aquela que é considerada a primeira viagem

turística da história. Desde então, turismo e fotografia têm-se cruzado de formas cada vez mais complexas dado que a inovação tecnológica “garantiu o acesso a um conjunto de produtos e imagens que ganham o estatuto de produtos desejáveis, nesta sociedade de consumo cada vez mais integrada” (Costa, 2017, p. 669). Como tal, cremos que essa oferta fez com que o turismo findasse enquanto uma “fuga ao anticotidiano,



Licenciada por Creative Commons
4.0 / Internacional
CC BY 4.0

* Mestre em Design da Imagem / FBAUP (2017). Licenciado em Artes Plásticas e Multimédia / IPV – ESEV (2012); Bolseiro de Doutoramento no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto – Faculdade de Letras da Universidade do Porto; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0523-8718> [up201207527@edu.letras.up.pt]

** Doutorada pelo Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE-IUL, Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Professora no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2704-4308> [lferro@letras.up.pt]

tampouco a ilusão de um mergulho numa realidade feérica; pelo contrário, nessas viagens, tudo é costumeiro e não existem surpresas” (Nascimento, 2020, p. 4).

A ampliação da experiência turística e a multiplicação de fotografias feitas durante e acerca desta na lógica da sua promoção e/ou preservação para memória futura implicou que as imagens e práticas fotográficas inerentes à mesma se tenham tornado matéria de reflexão académica. E se numa primeira instância se ponderaram metodologias para estudar o turismo através da fotografia feita por outros (Albers e James, 1988), desde então as ciências sociais têm-se debruçado sobre a articulação entre turismo e fotografia a vários níveis: as fotografias e práticas fotográficas dos sujeitos em contexto turístico (Marques, 2009; Schwarz, 2021; Smith, 2019); a imagem fotográfica no posicionamento institucional dos lugares enquanto destinos turísticos (Pritchard & Morgan, 2000; Jenkins, 2003; Oliveira & Brigas, 2014); os usos da fotografia na formação de um imaginário turístico dos lugares (Arora, 2009; Brito-Henriques, 2014; Gutberlet, 2019).

Neste artigo focámo-nos nas possibilidades da fotografia enquanto técnica no estudo do turismo. Sendo que vários autores (Cederholm, 2012; Marujo & Santos, 2012; Scarles, 2009) mobilizaram a fotografia para estudar o turismo, e que alguns (Balomenou & Garrod, 2019) consideram que esta é ainda subutilizada enquanto fonte de dados nessa tarefa, para o caso de estudo aqui apresentado fizemos fotografias e usámo-las numa lógica de pesquisa-ação com o intuito de compreender as atuais dinâmicas de ocupação e uso do litoral português enquanto espaço turístico.

Ponderando sobre a plasticidade da câmara fotográfica enquanto dispositivo de produção de imagens, exploraram-se as potencialidades do seu uso na abordagem etnográfica para adereçar a “falta de imaginação e de sensibilidade” (Quivy e Campenhoudt, 2003[1995], p. 200) pautando pesquisas que mobilizam métodos que minoram as dimensões subjetivas da realidade social (ex: inquérito por questionário). Esta aparelhagem metodológica visou dar suporte empírico a uma análise sociológica focada nas interações e impressões simbólicas dos sujeitos com os espaços turísticos litorais, com os outros sujeitos que os ocupam enquanto tal e com a fotografia enquanto imagem e prática turística.

A imagem fotográfica retrata dinâmicas coletivas e individuais de ocupação e uso dos lugares em

contexto turístico; as notas textuais do diário de campo situam essas mesmas imagens no seu espaço-tempo particular de génese, alinhando-as com os dados recolhidos pela via da observação participante. Assim, a fotografia mobilizada enquanto método de recolha de dados almeja dar aporte às tarefas de “observar, descrever, compreender e operar generalizações acerca dos fenómenos sociais numa determinada fatia temporal” (Ferro, 2005, p. 380). E para dar evidências das possibilidades do seu uso para estudar o turismo, convocaram-se exemplos decorrentes de uma pesquisa doutoral em curso sobre a construção e disseminação do imaginário fotográfico turístico do litoral português entre o 25 de Abril de 1974 e a atualidade¹.

Em suma, buscámos ilustrar o potencial da técnica da longa exposição fotográfica para estudar sociologicamente o turismo, nomeadamente a partir dos seus usos em uma análise às dinâmicas de ocupação e uso do litoral da cidade do Porto enquanto espaço turístico.

Este artigo divide-se em quatro secções: enquadramento teórico, que explora os conceitos mais relevantes no âmbito desta reflexão; abordagem metodológica, na qual se clarifica a metodologia e as técnicas aplicadas; análise e discussão de resultados, onde exploramos as potencialidades da fotografia enquanto método de recolha de dados a partir da leitura dos mesmos; considerações finais, onde apresentamos uma síntese do trabalho de campo desenvolvido. Ao longo do mesmo facultamos material teórico-empírico que cristaliza aquele que é nosso argumento: o imbricamento do real com o imaginado contribui para a formação dinâmica do nosso imaginário turístico e, por seu turno, das nossas formas de ocupação e uso dos lugares naquele que é o seu quotidiano turístico.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 A visualidade nos estudos de turismo

Graça Joaquim (2015) sublinha a importância de duas obras na fundação da sociologia do turismo: *The Image* (Boorstin, 1992[1961]), que aborda a transformação da viagem em turismo dada a sua massificação global, a sua crescente superficialidade e domesticação e a transformação dos viajantes em turistas, fotógrafos e consumidores de imagens; *The Tourist* (MacCannell, 1999[1976]) que concetualiza o

¹ Esta pesquisa doutoral, denominada *Ode: A Fotografia e o Imaginário Turístico da Costa Portuguesa após o 25 de Abril*, é orientada pela Professora Doutora Lígia Ferro e co-orientada pelo Professor Doutor Frédéric Vidal, e está atualmente a ser desenvolvida por Eduardo Silva no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto com o apoio financeiro da

FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de uma Bolsa de Investigação para Doutoramento (ref. 2020.04757.BD). Para mais informações consultar: <https://sociologia.up.pt/projetos/ode-fotografia-e-o-imaginario-turistico-da-costa-portuguesa-apos-o-25-de-abril>.

ato de ‘ver paisagens’ – *sightseeing* – enquanto ritual integrado no turismo contemporâneo na lógica de uma prática social coletiva.

Em 1990, John Urry dá um incontornável contributo na problematização sociológica do turismo com a publicação do livro *The Tourist Gaze*. Partindo da noção de que os sujeitos se deslocam e permanecem em lugares distintos daqueles do seu quotidiano laboral em contexto turístico, o “olhar do turista” (Urry, 1990, pp. 1-4) é socialmente organizado por agentes turísticos e pelo consumo de informação acerca desses mesmos lugares em contextos não-turísticos (ex: filmes; séries televisivas; revistas). E tal foi a relevância desse conceito que Adrian Franklin destacou que as obras *The Tourist* e *The Tourist Gaze* se tornaram “autoridades” (2003, p. 265) no contexto de uma reflexão contemporânea sobre o turismo, reforçando assim um ideal do seu estudo a partir de grelhas oculocêntricas. Esse ideal, por seu turno, é criticado por quem considera que o enfoque da reificação da visão na análise do fenómeno turístico se articula com a idealização do sujeito-turista enquanto “observador passivo” (Cohen e Cohen, 2019, p. 159) que experiencia os lugares sobretudo através do seu olhar.

Conscientes das limitações e da influência das grelhas epistemológicas oculocêntricas sobre os estudos de turismo, Michael Haldrup e Jonas Larsen promoveram uma “viragem performativa” (2010, p. 3) – *performance turn* – marcada pelo destacamento da multissensorialidade subjacente à experiência turística que é, como sabemos, desempenhada e construída pelos sujeitos através dos seus vários sentidos.

Em 2011, surge *The Tourist Gaze 3.0*, livro no qual John Urry e Urry Larsen vertem pistas teórico-empíricas para a reconfiguração conceptual do olhar do turista face à viragem performativa dos estudos de turismo, a qual assenta, em primeiro lugar, na configuração do turismo enquanto fenómeno do quotidiano e da experiência turística como composito de performances multissensoriais mas também na mobilização de métodos de proximidade para compreender como os indivíduos pensam e desempenham a experiência turística segundo as escalas micro, meso e macro da realidade social.

E nesta senda, é igualmente importante partir do pressuposto que a valência de um lugar enquanto espaço turístico depende da sua ocupação e usos por parte dos vários atores sociais em contexto turístico, que diferentes objetos permitem prolongar a relação dos sujeitos com os espaços turísticos no plano extracorpóreo (ex: autocarros; postais ilustrados; câmaras fotográficas), e que esses mesmos espaços são compostos por diferentes lugares (ex: praias; discotecas; prados) que permitem diversas e diferenciadas possibilidades de ocupação e uso. Em

suma, Urry e Larsen propõem-nos que adotemos uma abordagem relacional para compreendermos a articulação dos vários sentidos na experiência turística ainda que a visão perdure enquanto “o seu sentido organizador” (2011, p. 195).

Sabemos que os sujeitos se engajam na fruição dos espaços visitados segundo diferentes modos de fazer turismo, e por isso devemos considerar as experiências turísticas enquanto constructos sócio-culturais dinâmicos, multissensoriais e unipessoais. Já a fotografia surge como dimensão invidável na análise ao fenómeno turístico, quer pelo engajar da nossa performance turística com a prática fotográfica como pelas fotografias que enformam/informam o nosso olhar enquanto turistas. Então, como podemos estudar sociologicamente a multiplicidade de performances turísticas usando a fotografia?

2.2 Fotografia e sociologia: partida e chegada ao estudo do turismo

Howard Becker (1974) diz-nos que os diferentes domínios da sociedade foram abordados pelos/as fotógrafos/as, logo desafia praticantes da sociologia a experimentarem a fotografia como forma de estudar a sociedade. Para tal, Lígia Ferro (*op. cit.*) fornece-nos pistas para usarmos a câmara fotográfica na sociologia: nortear o processo fotográfico pela teoria; fotografar abundantemente e sistematicamente; anotar todos os pormenores e informação pertinente à compreensão do nosso objeto de estudo; permanecer tempo suficiente no campo para que os participantes se sintam confortáveis com o/a pesquisador/a e a câmara fotográfica; analisar as fotografias segundo categorias resultantes do modelo teórico de análise da pesquisa; ponderar as limitações da fotografia enquanto técnica de recolha de dados em contextos diversos de pesquisa.

Como qualquer método, a fotografia descreve a realidade social mas também a constrói (*Ibid.*), e por isso interessa-nos recordar que as representações fotográficas dependem do contexto e do uso que lhes é dado porque não têm um “significado fixo” (Becker, 2007, p. 203).

Ainda sobre o vínculo entre turismo e fotografia enquanto práticas sociais de massas, veja-se como a experiência turística configura a imersão num espaço turístico composto por “mobilidades multipolares” (Lopes, Vilaça e Azevedo, 2018, pp. 8-9) visualmente mediadas – a viagem começa com o consumo visual de informação acerca de um determinado lugar em contextos diversos (ex: promoção turística; redes sociais digitais; imprensa) e termina com a sua recordação a partir das fotografias que fizemos durante a mesma. E entre a partida e a chegada temos o

momento da viagem durante o qual os sujeitos visitam o destino turístico e (usualmente) fazem fotografias desempenhando performances corpóreas (ver Figura 1).

Figura 1. Diagrama do ordenamento turístico do mundo



Fonte: os autores

Sintetizado o enquadramento teórico (ver Tabela 1.) segue-se a discussão da sua articulação com a metodologia implementada, nomeadamente o uso da longa exposição fotográfica na abordagem etnográfica para dar aporte à tarefa de compreender a multiplicidade da experiência turística na sua relação com a prática fotográfica.

Tabela 1. Conceitos fundamentais da reflexão teórica

Conteúdos explorados	Referências Bibliográficas
Sociologia do Turismo	(Boorstin, 1992[1961]); (MacCannell, 1999[1976]); (Urry, 1990); (Franklin, 2003); (Urry e Larsen, 2011); (Joaquim, 2015); (Cohen e Cohen, 2019)
Viragem performativa – performance turn – nos estudos de turismo	(Haldrup e Larsen, 2010); (Urry e Larsen, 2011)
Sociologia Visual	(Becker, 1974; 2007); (Ferro, 2005)

Fonte: os autores

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

O caso de estudo discutido adiante resulta de uma abordagem qualitativa enquadrada no paradigma construtivista (Creswell, 2014) que adere à proposta de teoria fundamentada construtivista de Kathy Charmaz segundo a qual “qualquer análise é contextualmente situada no tempo, espaço, cultura e situação. Dado que os construtivistas vêem valores e factos como interligados, eles reconhecem que aquilo que vêem – e que não vêem – assenta em valores” (2006, p. 131). E sendo que em uma pesquisa qualitativa o/a pesquisador/a “é o principal instrumento de recolha de dados” (Bryman, 2012[2001], p. 405), urge adotarmos uma postura reflexiva que nos permita objetivar as dimensões subjetivas e simbólicas emergentes e latentes no processo de construção de conhecimento.

Na sociologia, “falar/escrever/retratar o mundo como uma forma coerente é formular o mundo de

acordo com uma visão metódica ativa” (Jenks, 1995, p. 12), situada num contexto particular e segundo uma perspectiva única. Portanto, defendemos que a teoria “deve exercer uma função de comando” (Ferro, *op. cit.*, p. 381), no uso da fotografia como técnica, devendo o/a pesquisador/a nortear-se por guiões de recolha fotográfica (Suchar, 1997) nas suas incursões ao campo.

Atendendo à produção e uso de fotografias no âmbito de pesquisas-ação nas ciências sociais, Gillian Rose (2007[2001]) aponta as seguintes considerações práticas: assegurar que as fotografias são objeto de uma exposição adequada e de uma composição cuidada; acautelar a sua adequada reprodução, respeitando o seu enquadramento e a sua paleta cromática; garantir que os leitores detêm informação suficiente para as lerem de acordo com as motivações do/a pesquisador/a, sendo a legendagem das fotografias determinante para tal. Já no que refere às dimensões éticas e reflexivas, essa mesma autora (*ibid.*) recomenda a adoção de uma postura reflexiva ao longo da pesquisa para que o/a pesquisador/a (re)avalie constantemente o seu potencial impacto na realidade social e o poder que detem sobre os seus/suas participantes.

Enquanto método, a longa exposição fotográfica possibilita-nos fazer exposições fotográficas cuja duração se estende além do instantâneo e na medida do tempo que mantemos o obturador da câmara fotográfica aberto à entrada de luz, com resultados únicos na perspectiva da recolha de dados visto que “[a]o invés da memória ou da imaginação, a imagem do movimento permanece, incluindo trajetórias e dinâmicas do movimento. Podemos começar a falar de dados de movimento de uma forma diferente que uma fotografia ou um vídeo convencional permitem” (Cruz, 2021, p. 51). Como tal, defendemos que a longa exposição fotográfica é um método que complementa a caracterização da realidade social a par de outros usados pelas ciências sociais (ex: entrevista semiestruturada; inquérito; observação participante), tanto mais considerando que o seu uso em pesquisas qualitativas é ainda matéria de “pouca atenção” (*ibid.*, p. 45). E por isso, relevamos as suas potencialidades enquanto método *per se* e demonstramos também as valências do seu uso na metodologia etnográfica.

Combinando longa exposição fotográfica com observação participante e diário de campo podemos “contextualizar as fotografias e registar as pistas que adivinhámos no momento da fotografia” (Ferro, *op. cit.*, p. 382), o que auxilia a objetivar as reflexões interpretativas tecidas durante o trabalho de campo no corpo de dados da pesquisa, as quais complementámos com dados recolhidos pela via de entrevistas semi-estruturadas – realizadas uma vez

assegurado o consentimento informado do/a entrevistado/a – no decurso do trabalho de campo levado a cabo.

As fotografias feitas no âmbito do caso de estudo discutido adiante obedecem a uma lógica de suporte, contendo dados que constituem “provas para ser interpretadas” (Rose, *op. cit.*, p. 244) pelo seu autor. A recolha destas foi complementada com registos textuais que detalham o momento da sua elaboração e todos os pormenores relevantes para a contextualização dos dados que contêm em respeito à realidade social observada e à sua relação com as dinâmicas de uso dos lugares em contexto turístico (data; local; momento do dia; participantes; impressões; percepções pessoais).

Usou-se uma câmara fotográfica digital que permite o controlo total sobre o processo fotográfico bem como produzir fotografias de alta resolução² para garantir a qualidade da amostra – alertamos potenciais pesquisadores/as para reunirem conhecimentos e equipamento adicional à câmara fotográfica, caso pretendam mobilizar o método da longa exposição fotográfica, especialmente à luz do dia³. Relativamente à unicidade dos dados recolhidos pela via desta técnica para compreendermos a realidade social, destacamos dois níveis: informativo, permitindo-nos inferir os padrões de movimento dos sujeitos fotografados *versus* quem/o que se manteve estático no espaço-tempo do enquadramento; ético, dado que as propriedades imagéticas das fotografias de longa exposição permitem anonimizar os seus participantes⁴.

No trabalho de campo levado a cabo no caso de estudo discutido adiante, a recolha de longas exposições fotográficas orientou-se pelas seguintes questões: Como se relacionam os turistas com os espaços de turismo através da sua prática fotográfica? Em que medida está a sua experiência turística engajada com a fotografia, e quais os fatores de semelhança e diferença a assinalar nesse aspeto entre diferentes turistas? Assim, o uso do método da longa exposição fotográfica visou recolher dados que permitissem analisar as dinâmicas de uso territorial dos sujeitos na sua relação com o ordenamento turístico dos lugares. Foram feitas fotografias que ilustram as

suas performances turísticas com vista a observar a constância e a ausência da repetição de comportamentos individuais e coletivos num espaço-tempo particular, as quais articulam preocupações formais, técnicas e éticas.

Visando promover uma discussão em torno do uso da técnica da longa exposição fotográfica no contexto do trabalho de campo sociológico, de seguida convocamos exemplos concretos da sua mobilização num caso de estudo levado a cabo no âmbito da supramencionada pesquisa doutoral, focado na evolução das dinâmicas de ocupação e uso turístico em uma freguesia litoral do Porto, a segunda maior cidade do norte de Portugal continental. As fotografias apresentadas serão articuladas com excertos de diário de campo e de entrevistas semi-estruturadas para explicitar o seu uso na abordagem etnográfica e o seu contributo na objetivação e triangulação dos dados recolhidos no campo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 O ordenamento turístico do litoral português antes e após o 25 de Abril de 1974

Carlos Costa (2005) refere que com o advento do turismo de massas na década de 1960 Portugal visibilizou-se enquanto destino turístico juntos dos mercados emissores, tornando-se à época o litoral no “principal cenário da construção de um “tempo de férias”” (Lobo, 2010, p. 92) no país, processo para o qual contribuiu também um ímpeto arquitetónico e urbanístico movido por capitais transnacionais de erguer “novas paisagens do ócio” (*Ibid.*). Também neste período deu-se a massificação dos “três S – sun, sea, sand (em português, sol, mar e areia)” (Cunha, 2017, p. 10), e tal como outros países “então subdesenvolvidos do sul” (*Ibid.*) da Europa, Portugal capitalizou os seus recursos naturais litorais para atrair turistas e as suas divisas. Contudo, no caso português tal deveu-se também porque na década de 1960 e até 1974 o país travava a Guerra Colonial⁵, e por isso as divisas provenientes do turismo e das transferências realizadas pelos emigrantes portugueses eram

² Uma cópia da fotografia reproduzida na Figura 2 foi impressa no tamanho 50x70cm a partir do ficheiro .jpg produzido diretamente pela câmara fotográfica sem qualquer tipo de edição posterior e sem que nessa dimensão se verificasse qualquer perda de resolução para integrar na exposição coletiva *GENTES, RITUAIS, QUOTIDIANOS: fotografias sociais do Grande Porto*, a qual esteve patente no Centro Português de Fotografia entre os dias 3 e 25 de setembro de 2022.

³ Para fazermos uma fotografia de longa exposição à luz do dia é necessário um tripé e um disparador remoto para garantir a estabilidade da câmara fotográfica, e ainda um filtro de densidade neutra para regular a entrada de luz no obturador.

⁴ Não foi recolhido o consentimento informado dos sujeitos presentes nas fotografias de longa exposição feitas no âmbito do caso de estudo discutido

adiante dado que os mesmos não surgem claramente identificados/as. Por seu lado, a recolha de toda e qualquer longa exposição fotográfica foi precedida pelo seguinte ritual: fixação da câmara fotográfica ao tripé; conexão do disparador remoto à câmara fotográfica; enroskar do filtro de densidade neutra à objetiva. Este ritual é deliberadamente desempenhado de forma morosa para visibilizar a presença do investigador e a sua prática fotográfica neste contexto para todos/as aqueles/as com quem partilha o lugar.

⁵ Conflito bélico que se estendeu entre 1961 e 1974 entre Portugal e Angola, Guiné-Bissau e Moçambique – três países que à data ainda estavam sob influência da colonização portuguesa – motivado pela sua reclamação de independência relativamente ao Estado português.

essenciais para compensar a despesa interna mas sobretudo os gastos inerentes à manutenção desse conflito armado.

Ainda durante este período decorreu o contacto da população portuguesa residente com fluxos de emigrantes portugueses que vinham a Portugal passar férias, configurando momentos de contraposição dos “costumes tradicionais com novos costumes, quer interpessoais, quer institucionais” (Santos, 2002, p. 255) enquanto no país ainda vigorava o regime ditatorial do Estado Novo, cuja legislação obstava algumas das condições que à época permitiram a massificação do turismo enquanto prática social noutros países (ex: extensão do período mínimo legal de férias⁶; fixação de um salário mínimo nacional⁷), constitucionalmente consagradas após a Revolução do 25 de Abril de 1974⁸. Assim, a configuração de uma relação de massas dos portugueses com o tempo livre turístico foi protelada até à instauração de um regime democrático parlamentar no país.

Após a Revolução deu-se o esvaziamento das rígidas políticas e estruturas de ordenamento territorial do Estado Novo, o que facilitou a “eclosão de um turismo litoral desordenado” (Schmidt, 2008, p. 293) e da ocupação massiva da costa portuguesa. Esta cadeia de eventos teve como consequências “a erosão costeira, a poluição das águas marítimas, a destruição de ecossistemas, a degradação da qualidade de vida das populações e os conflitos de interesse relacionados com os diferentes usos deste espaço” (Freitas, 2007, p. 114). E dado que o litoral se tornou no “espaço de lazer das massas” (Id., 2013, p. 175) do país por excelência⁹, o (des)ordenamento deste território e as suas consequências é uma questão de grande relevo.

Discorrendo acerca da desorganização dos espaços do turismo, Urry (2002[1995]) menciona que a experiência turística contemporânea como um todo se desorganizou: viajamos quotidianamente para lugares diversos movidos por veículos diversos, pelo nosso corpo, ou até mesmo só pela nossa visão através de imagens. Como tal, somos diariamente influenciados pelo “imaginário turístico e pelo ‘desejo’” (Sampaio, Simoni & Isnart, 2014, p. 96) inerentes à experiência turística, a qual encontramos nos nossos ambientes habituais dado o ordenamento turístico dos lugares e a sua mediatização audiovisual (Uriely, 2005).

Consideramos que ‘ser turista’ nos lugares do nosso quotidiano e na nossa própria imaginação é uma experiência intrinsecamente pessoal – o nosso

imaginário turístico compõe-se dos significados que construímos e atribuímos aos lugares do nosso desejo. Como tal, o nosso olhar sobre os lugares enquanto espaços turísticos “é construído discursivamente e materialmente através de imagens e performances de fotografia, e vice-versa” (Urry & Larsen, *op. cit.*, p. 155). Então, como pode a longa exposição fotográfica auxiliar-nos a retratar sociologicamente um lugar do litoral português enquanto espaço turístico e a compreender as suas dinâmicas de uso?

4.2 O litoral portuense e a sua ocupação turística

A Foz do Douro – doravante designada simplesmente Foz – é uma zona situada no extremo sudoeste litoral da cidade do Porto que alberga o núcleo habitacional mais antigo da União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde. Outrora a sede de uma pequena povoação dedicada sobretudo à pesca, é desde o último quartel do século passado um lugar simbolicamente associado ao “novoriquismo” (Fernandes, 1989, p. 14) portuense. Todavia, sabemos que o seu ordenamento turístico ganhou alento em meados do século XIX:

“[...] se a Foz dispunha das potencialidades, foi o desenvolvimento dos transportes que facilitou o sucesso conseguido como lugar privilegiado para o turismo balnear, que veio complementar, nos meses de Verão, a sua vocação eminentemente piscatória” (*Ibid.*, p. 26).

Segundo Franklin (2004; 2008), o ordenamento turístico influencia as paisagens físicas – os vários espaços e objetos nestas incluídos – e humanas – as interações entre pessoas de culturas várias – dos lugares, mas também os próprios sujeitos que, paulatinamente, se tornaram conscientes do e para o turismo enquanto prática. Assim, para o ordenamento turístico da Foz contribuiu as (então) recém-criadas possibilidades de mobilidade espacial e o “espírito e a mentalidade da época” (Fernandes, *op. cit.*, p. 29) de exaltação da praia e das suas propriedades naturais nos discursos médicos disseminados em meados do século XIX. E atualmente, como é institucionalmente enquadrada a ‘Foz’ enquanto destino turístico?

“Banhado pelo Atlântico, da Foz até Matosinhos, e pelo rio Douro, desde o Freixo até à Foz, é fácil perceber que a água faz parte desta cidade, da forma de ela ser e da forma de ela viver. Rio e Mar permitem um passeio que é sempre um prazer renovado e onde se podem

⁶ Segundo o Decreto-Lei n.º 874/76, de 28 de dezembro.

⁷ Segundo o Decreto-Lei n.º 292/75, de 16 de junho.

⁸ A 25 de abril de 1974, um grupo de militares designado de *Movimento das Forças Armadas* depôs o *Estado Novo*, o regime ditatorial que governou Portugal durante 41 anos.

⁹ Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (2023), as áreas costeiras concentraram 83,7% de todas as dormidas registadas na hotelaria em Portugal no ano de 2022.

encontrar ondas para se fazer surf, praias de bandeira azul, esplanadas de frente para o mar, um passeio marítimo muito concorrido, seja para uma caminhada descontraída, running ou um agradável passeio de bicicleta, os pescadores da foz, as fortalezas marítimas, lojas, restaurantes, jardins e dois cais que acolhem embarcações de recreio e turismo, podendo, a partir de lá, usufruir de desportos náuticos ou de um cruzeiro pelas pontes. Deixe-se inebriar pelo som das ondas e aprecie o contacto com a Natureza em plena cidade” (Visit Porto, 2023a, n.p.).

Para melhor compreendermos a articulação entre o ordenamento turístico da Foz e os imaginários do seu posicionamento institucional turístico, torna-se útil mobilizarmos a concetualização de Rachid Amirou (2007) de espaço turístico, que entorna o lugar com existência concreta e material na ideia que deste formamos e que condiciona como nós o utilizamos enquanto turistas. E subjacente ao ordenamento turístico do mundo – as condições objetivas e subjetivas da turistificação dos lugares e dos sujeitos que neles habitam – está o seu imaginário turístico – a imagem formada pela experiência do real em contexto turístico em confronto com o que dele se imaginou – e, por sua vez, o olhar do/a turista – a (re)produção de imagens sobre o turismo nos lugares e dos seus imaginários durante a experiência turística do ‘eu’.

A brochura *Best Spots* (Visit Porto, 2023b) enquadra todas as dimensões de análise supramencionadas, apresentando-nos vários lugares da cidade do Porto enquanto pontos de interesse simultaneamente turístico e fotográfico. Desenhado na forma do ecrã de um *smartphone*, essa mesma brochura visibiliza o embasamento da prática fotográfica no turismo e a crescente mediatização da experiência turística na sua articulação com o uso das redes sociais digitais numa lógica do imediato (Campodónico, 2023). E lá encontramos referência ao Paredão da Foz e ao Farolim de Felgueiras, dois marcos da paisagem litoral portuense que, em conjunto com o Farolim da Barra do Douro, formam uma toponímia que designámos de Farolins da Foz.

O Farolim de Felgueiras foi inaugurado em 1886 e desativado em 2009, mantendo-se o seu sinal sonoro em funcionamento até hoje; o Paredão da Foz integra o molhe do Farolim de Felgueiras; o Farolim da Barra do Douro foi inaugurado em 2009 e faz parte do projeto dos Molhes do Douro¹⁰, “um verdadeiro Passeio Público” (Prata, 2014, p. 99) desenhado para potenciar o desempenho de atividades várias à beira-mar (ex: pesca; contemplação; convívio interpessoal; banhos de sol e mar).

Figura 2. Molhe do Farolim da Barra do Douro em primeiro plano, em segundo plano o Farolim de Felgueiras, e em plano de fundo o Farolim da Barra do Douro. Porto, 1 de julho de 2022



Fonte: fotografia de Eduardo Silva

Ao longo do ano, mas especialmente em dias soalheiros (ver Figura 2) vemos pessoas a conversar e a passear ao longo dos molhes dos Farolins da Foz. Este é um lugar de sociabilidade e de passagem de atores sociais diversos, mas sobretudo de pescadores locais e de turistas mais ou menos habituais, cujas performances fotográficas habitualmente revolvem em torno dos seguintes temas: o Oceano Atlântico; o Farolim de Felgueiras; eles/as próprios/as (*selfie*). A paisagem natural e construída pelo Homem e a experiência (positiva) do ‘eu’ no lugar são pontos de interesse turístico. Mas qual a influência da paisagem humana dos Farolins da Foz – os atores sociais que rotineiramente ocupam aquele lugar – nas disposições e práticas do/a turista que o visita?

“Ao início da tarde, no molhe do Farolim da Barra do Douro, falei com uma turista norte-americana na casa dos vinte anos que viajava sozinha e se encontrava hospedada no centro do Porto, desde onde fez uma longa caminhada junto à beira-rio para chegar à Foz. Sob um sol forte de agosto pontualmente apaziguado por uma (demasiado) forte nortada que baixava consideravelmente a sensação térmica, disse-me que a sua visita aos Farolins da Foz não foi fruto de planeamento ou de pesquisa prévia mas sim da sua curiosidade, estimulada pelo facto de lhe terem falado no seu alojamento da existência de praia na cidade. Disse-me também que não se aproximou do Farolim de Felgueiras – marco que fotografou com o seu *smartphone* a partir do molhe onde estávamos – por pressentir que aquele lugar era mais para os locais e não para os visitantes devido ao grupo de senhores de meia-idade sem camisola que se encontravam a apanhar banhos de sol no Paredão da Foz, o qual conseguimos ver a partir de onde nos sentámos a conversar” (Excerto do diário de campo de Eduardo Silva | Porto, 20 de agosto de 2022).

¹⁰ Desenhado pelo arquiteto Carlos Prata e projetado pelo engenheiro Fernando Silveira Ramos, esta obra abarca dois molhes que foram erguidos sobre o estuário do Rio Douro – um do lado de Vila Nova de Gaia e outro do

lado do Porto – e na qual foi integrada o pré-existente Farolim de Felgueiras e o seu respetivo molhe.

Figura 3. Molhes do Douro – no plano de fundo o Farolim de Felgueiras, à direita o Paredão da Foz. Porto, 1 de julho de 2022.



Fonte: fotografia de Eduardo Silva

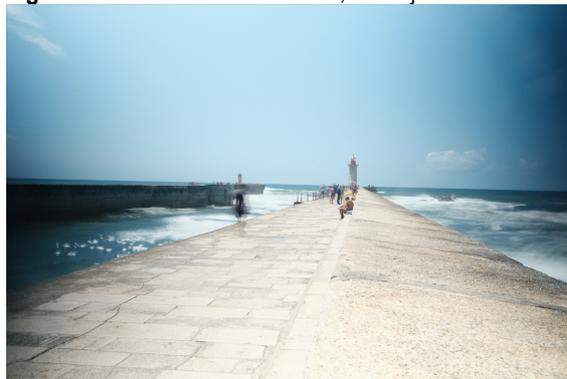
A percepção do Paredão da Foz enquanto lugar reservado a locais condicionou o comportamento desta turista aquando da sua visita – citando Tim Edensor, “tanto vigilância interna como externa pode restringir o escopo de performances e ajudar a sublinhar convenções comunais sobre modos “apropriados” de atuar enquanto turistas” (2000, p. 327). E a mesma fotografia que é habitualmente “condenada por recusar a experiência” (Urry e Larsen, *op. cit.*, p. 187) turística serviu-lhe para preencher uma lacuna experiencial da sua viagem – a aproximação corpórea ao Farolim de Felgueiras (ver Figura 3) – que a própria gerou no seu imaginário dos Farolins da Foz enquanto espaço turístico – limitado ao molhe do Farolim da Barra do Douro.

Durante o trabalho de campo realizado não-consecutivamente entre a primavera de 2022 e o verão de 2023 na Foz do Douro constatou-se que, à margem de pescadores locais e de turistas, o grupo mencionado por essa turista é presença habitual no Paredão da Foz, sobretudo no verão, quando o clima mais propicia a prática de banhos de sol e mar.

“[P]recipitei-me para o Paredão da Foz para retomar contacto com o Sr. H – ‘h’ de habituê – um portuense septuagenário reformado que quando me viu quase instantaneamente se recordou da minha pessoa. Já não trocávamos palavras há um ano. [...] Comentou que há planos para reabrir o museu¹¹ construído sob o molhe do Farolim da Barra do Douro e que o seu percurso normal quando vem para o molhe do Farolim de Felgueiras passa por inicialmente caminhar até ao Farolim para depois no regresso ‘assentar arraiais’ no Paredão. Ele – bronzado, de tronco nu e com calções de banho e havaianas – e eu – bronzado ‘à trolha’, de camisa de manga comprida e com *jeans* e All Stars brancas – falámos no Paredão da Foz [...] e disse-me [...] que ‘é muito difícil uma senhora vir para aqui’ por ser o local onde se reúnem homens de meia-idade e de uma idade mais avançada, sendo que as pessoas da sua geração tiveram uma educação diferente em que

as mulheres eram domésticas e que os homens era quem saía de casa e, ainda, que essa educação começava na infância, com os sexos separados por escolas. Disse-me também que o fim de semana se reserva à família, sendo por isso provável encontrar menos locais nesses dias, [...]. [O] Sr. H distancia-se [...] do ‘maralhal’ quando o Farolim de Felgueiras têm muitos visitantes, afirmando que o Paredão da Foz é ocupado por vários locais a tomar banhos de sol ou a pescar – nomeadamente, sempre os ‘mesmos senhores’ – e que também já pôde observar visitantes com garrafas de vinho e cerveja e sacos de um supermercado local a fazer uma refeição ligeira aqui – eu próprio já observei e tive essa experiência” (Excerto de diário de campo de Eduardo Silva | Porto, 16 de junho de 2023).

Figura 4. O Paredão da Foz. Porto, 15 de julho de 2023.



Fonte: fotografia de Eduardo Silva

A interação com um banhista que informalmente comunga com integrantes do grupo que habitualmente se reúne no Paredão da Foz (ver Figura 4) revelou pormenores acerca do seu caráter informal e dos atores sociais que o compõem. Fora da época estival, e sobretudo no inverno, o mar que ao longo dos anos tem colhido pessoas e bens (Pinto, 2020) é que dita – ou não – a presença de visitantes nos Farolins da Foz. Em períodos de maior risco de intempéries no litoral, o Serviço Municipal de Proteção Civil do Porto coloca largas barreiras de betão e gradeamentos nas imediações dos Farolins da Foz para dissuadir a deslocação e permanência de visitantes aquele lugar para assistirem ao espetáculo da ação do mar revoltado sobre os molhes e as pedras envolventes (ver Figura 5). Essas mesmas barreiras visam condicionar o comportamento dos visitantes dos Farolins da Foz (para sua própria proteção) mas não são obstáculo à experiência turística do lugar.

“Então, partindo da ideia inicial da costa: para mim, a costa é...onde vês aquela quase, tipo, cegante, faixa prateada do sol no topo do oceano – quase tipo, prata a derreter. E também...eu gosto bastante da, tipo, imagem visual das ondas, também quando elas

¹¹ Os *media* (Cruz, 2010) noticiaram à época a sua destruição pelas intempéries sazonais, o qual à data da redação desta nota permanece encerrado assim como o restaurante com esplanada cercano à mesma.

quebram. [...] Eu costumava surfar, por isso as dinâmicas internas disso (risos) e a, tipo, imagem deste lugar e impressão inicial foi – especialmente quando as ondas se quebram contra o entulho – então, aquele grande salpico, isso é algo que eu realmente gosto, especialmente se tu...neste lugar, dado serem ondas e não ondas impulsionadas pelo

vento, é mais grandioso que a maioria das outras em que estive, porque esses oceanos que produzem essas ondas eram muito menores” (Excerto de entrevista realizada por Eduardo Silva a um consultor alemão de 34 anos de visita ao Porto | Porto, 16 de dezembro de 2022).

Figura 5. Os Farolins da Foz num dia no qual estiveram vedados ao acesso pedonal. Porto, 20 de janeiro de 2023.



Fonte: fotografia de Eduardo Silva

Quando o acesso pedonal aos Farolins da Foz se encontra barrado, muitos dos visitantes respeitam as barreiras fixadas com receio das intempéries climáticas e/ou de represálias legais inerentes à sua transgressão. Porém, essas mesmas barreiras podem representar um desafio complementar à performance fotográfica desempenhada em contexto turístico.

“Proximidade. Principalmente, a proximidade com a atmosfera. Esta atmosfera que se cria neste espaço das forças entre o rio e o mar, e as aves e as ondas...então, de poder presenciar isto de forma, como protagonista, não? Estar aí. Para mim, é importante sempre o contacto com a natureza, e o que isso gera também aí, que é...gera coisas como sentimentos, sensações [...] [e] também, evidentemente, para fazer as fotografias. [...] O meu pensamento foi...daquilo de que conheço um pouco da fotografia, não? E da experiência da fotografia de dizer-se ‘bom, se tu’ – por exemplo, dizia-me o meu mestre de fotografia – ‘se tu queres uma fotografia, podes ter que estar com a barriga no chão. É possível fazê-la assim? Há que fazê-la assim! Há que procurar o ângulo, não? Há que procurar o ângulo, mesmo que sujes a roupa com terra ou lama, não importa, há que procurar o ângulo. Então, como...vi essa barreira, e pareceu-me que era como – ao mesmo tempo – como um convite, inclusivamente, a ir. Era inclusivamente, um convite a poder ir, enfim, a esse lugar. Quase como metafórico, dizendo ‘há um espaço, assim, de encontro entre dois elementos e há uma barreira, e bom, há que ir não?! Há que ir’. Quiçá, pode ser um pouco, digamos, contra uma...moral...uma moral da polícia, não sei. Mas bom, pronto, não importa, há que fazê-lo. São pequenos riscos que se tomam e sempre com consciência” (Excerto de entrevista realizada por Eduardo Silva a um coordenador e animador sociocultural chileno de 30 anos de visita ao Porto | Porto, 14 de dezembro de 2022).

Os exemplos anteriormente partilhados permitem-nos compreender melhor como se articulam as performances fotográficas dos turistas que visitam os Farolins da Foz com as suas dinâmicas de uso espacial, enquadrando-se no domínio de uma abordagem etnográfica para deslindar os imaginários desse lugar enquanto espaço turístico que emergem a partir dos significados que lhe são atribuídos pelos sujeitos. Nos discursos institucionais de promoção turística, a tónica jaz no escape ao ambiente urbano, permitido pelas atividades realizadas no litoral português; na fala dos visitantes emerge o repouso, o hedonismo do corpo e a contemplação da natureza que as condições naturais e construídas dos Farolins da Foz permitem.

Verificamos também como a longa exposição fotográfica enriqueceu a análise etnográfica da realidade social, permitindo-nos triangular dados recolhidos com recurso a outras técnicas – nomeadamente a observação participante e o diário de campo – e descortinar novas vias de pesquisa – o uso de fotografias em contexto de interação (re)situa-as num tempo e espaço particulares. Adicionalmente, o seu uso problematizou o imaginário turístico institucionalmente disseminado dos Farolins da Foz confrontando-o com imaginários outros, contra-hegemónicos e formulados numa lógica *bottom-up*, e assim perspetivar modelos alternativos do seu uso em respeito à prática fotográfica do turista.

Mais amplamente, este caso de estudo revelou-nos o aporte singular da inserção da fotografia na palavra para a elaboração de reflexões mais aprofundadas acerca do ordenamento, do imaginário, e do olhar que

é (re)produzido acerca dos Farolins da Foz enquanto espaço turístico e da adequação da longa exposição fotográfica para a pesquisa sociológica do litoral turístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A (re)construção simbólica do imaginário turístico dos Farolins da Foz articula-se com o ordenamento turístico do 'nós' e do lugar e com o olhar que paulatinamente formamos deste enquanto espaço turístico. A etnografia permitiu-nos aceder às dimensões simbólicas e subjetivas da experiência turística a partir do contacto direto com os sujeitos no campo; a longa exposição fotográfica permitiu-nos objetivar performances fotográficas e triangular dados recolhidos com outros métodos na análise dos padrões de uso do lugar em contexto turístico.

A mais-valia de mobilizar a longa exposição fotográfica em pesquisas nas ciências sociais é estudar o movimento a partir da sua representação fotográfica num período alargado de tempo por oposição a um instantâneo no qual os sujeitos fotografados surgem estáticos e no qual o movimento "torna-se removido do seu contexto" (Cruz, 2021, p. 48). E pensando no turismo enquanto objeto de estudo, este método adequa-se a abordagens etnográficas pelo imbricar do turismo com a mobilidade dos vários atores sociais que o praticam:

"O turismo envolve movimento corpóreo e formas de prazer e estas são centrais para qualquer estudo de turismo diversos. Nesse sentido, o olhar do turista envolve relações entre corpos que se encontram eles próprios pelo menos em movimento intermitente" (Urry & Larsen, *op. cit.*, p. 21).

Dos dados recolhidos emerge a noção da experiência turística enquanto constructo sócio-cultural dinâmico, multissensorial e unipessoal no qual "[o] carácter funcional da cidade aparece como um dado relacional" (Barreira, 2013, p. 123). Os Farolins da Foz, cuja arquitetura nos permite 'entrar mar adentro', fazem parte do litoral portuense, um lugar onde as possibilidades de contacto com a natureza são mais evidentes e por isso evidenciadas em discursos institucionais turísticos acerca da cidade. Esta dimensão emerge nos discursos dos turistas abordados, porém a sua tónica assenta na sua experiência individual do lugar enquanto espaço de sociabilidade, de evocação de vivências e memórias passadas e onde as barreiras físicas e mentais são transpostas (ou não), tendo em vista as várias possibilidades de performance fotográfica.

A longa exposição fotográfica enquadrada na metodologia etnográfica permitiu-nos compreender como a experiência e a percepção do real e do

imaginado permeiam e (re)formam o imaginário turístico de quem visita os Farolins da Foz. Assim, a metodologia aqui proposta e mobilizada avança possibilidades alternativas para abordar etnograficamente a relação entre a performance fotográfica do turista e os padrões de uso dos lugares em contexto turístico, sobretudo na visibilização das dimensões simbólicas e subjetivas da experiência turística.

Salientando que este caso de estudo resulta de um processo de pesquisa em andamento, procurámos dar um contributo para pensar as potencialidades da fotografia no contexto da etnografia. Assim, esperamos que o desenrolar da mesma permita trazer mais aporte teórico-empírico para esta discussão, e que, entretanto, outros dados permitam complementar a reflexão em torno do uso desta técnica para abordar o fenómeno turístico.

REFERÊNCIAS

- Albers, Patricia. C.; James, William R. (1988). Travel Photography: A Methodological Approach. *Annals of Tourism Research*, 15(1), 134-158.
- Amirou, Rachid. (2007). *Imaginário Turístico e Sociabilidades de Viagem*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas.
- Arora, Vibha. (2009). Framing the image of Sikkim. *Visual Studies*, 24 (1), 54-64.
- Balomenou, Nika; Garrod, Brian. (2019). Photographs in tourism research: Prejudice, power, performance and participant-generated images. *Tourism Management*, 70, 201-217.
- Barreira, Irllys. (2013). *A Cidade como Narrativa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Becker, Howard. (1974). Photography and Sociology. *Studies in the Anthropology of Visual Communication*, 1(1), 3-26.
- Becker, Howard. (2007). *Telling About Society*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Boorstin, Daniel. J. (1992[1961]). *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. Nova Iorque: Vintage Books.
- Brito-Henriques, Eduardo. (2014). Visual tourism and post-colonialism: imaginative geographies of Africa in a Portuguese travel magazine. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 12(4), 320-334.
- Bryman, Alan. (2012[2001]). *Social Research Methods | 4th Edition*. Oxford: Oxford University Press.
- Campodónico, Rossana. La Reconfiguración De La Imagen Turística. *Revista Latino-Americana de Turismologia*, 9(1), 1-7.
- Cederholm, Erika A. (2012). Photo-elicitation and the construction of tourist experience: photographs as mediators in interviews. In T. Rakić, & D. Chambers, An Introduction to Visual Research Methods in Tourism (pp. 92-107). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Charmaz, Kathy. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide Through Qualitative Analysis*. Londres: SAGE Publications.

- Cohen, Scott A.; Cohen, Erik. (2019). New Directions in the Sociology of Tourism. *Current Issues in Tourism*, 22(2), 153-172., 22(2), 153-172.
- Costa, Carlos. (2017). O turismo, recreio e lazer na sociedade de consumo. In: F. Cravidão, L. Cunha, P. Santana, & N. Santos, ESPAÇOS E TEMPOS EM GEOGRAFIA: HOMENAGEM A ANTÓNIO GAMA (pp. 659-675). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Costa, Carlos. (2005). Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000). *Análise Social*, XL(175), 279-295.
- Crawshaw, Carol; Urry, John. (2003[1997]). TOURISM AND THE PHOTOGRAPHIC EYE. In C. Rojek, & J. Urry, *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory* (pp. 176-195). Londres: Routledge.
- Creswell, John. (2014). *Research Design*. Thousand Oaks: SAGE.
- Cruz, Hermana. (19 de março de 2010). Mar destruiu restaurante e galeria nos molhes do Douro. Obtido em 7 de novembro de 2022, de Jornal de Notícias: <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/mar-destruiu-restaurante-e-galeria-nos-molhes-do-douro-1522616.html>.
- Cruz, Joshua M. (2021). Overcoming Zeno's paradox: using long-exposure technology to capture a Deleuzo-Bergsonian perspective of movement in qualitative research. *Qualitative Research*, 21(1), 42-58.
- Cunha, Licínio. (2017). *Turismo e Desenvolvimento: Realidades e Perspetivas*. Lidel: Lisboa.
- Edensor, Tim. (2000). Staging Tourism: Tourists as Performers. *Annals of Tourism Research*, 27(2), 322-344.
- Fernandes, José A. (1989). *A Foz: Entre o Rio, o Mar e a Cidade*. Porto: Associação de Cultura e Turismo da Foz | Junta de Freguesia da Foz do Douro | Junta de Freguesia de Nevogilde | O Progresso da Foz.
- Ferro, Lígia. (2005). Ao encontro da sociologia visual. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15, 373-398.
- Franklin, Adrian. (2004). Tourism as an ordering: Towards a new ontology of tourism. *Tourist Studies*, 4(3) 277-301.
- Franklin, Adrian. (2008). The tourism ordering: Taking tourism more seriously as a globalising ordering. *Civilisations*, LVII(1-2), 25-39.
- Franklin, Adrian. (2003). *Tourism: An Introduction*. Londres: SAGE Publications.
- Freitas, Joana G. (2007). O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. *Revista da Gestão Costeira Integrada*, 7(2), 105-115.
- Freitas, Joana G. (2013). Paisagens simbólicas do litoral: Antigas leituras, novas tradições. In C. Sarmiento, *Entre Centros e Margens: Textos e práticas das novas interculturais* (pp. 165-182). Porto: Edições Afrontamento.
- Gutberlet, Manuela. (2019). Staging the Oriental Other: Imaginaries and performances of German-speaking cruise tourists. *Tourist Studies*, 19(1), 110-137.
- Haldrup, Michael; Larsen, Jonas. (2010). *Tourism, Performance and the Everyday: Consuming the Orient*. Londres: Routledge.
- Instituto Nacional de Estatística. (2023). *Estatísticas do Turismo-2022*. Lisboa, Portugal: Instituto Nacional de Estatística.
- Jenkins, Olivia. (2003). Photography and travel brochures: The circle of representation. *Tourism Geographies*, 5(3), 305-328.
- Jenks, Chris. (1995). The Centrality of the Eye in Western Culture: An Introduction. In C. Jenks, *Visual Culture* (pp. 1-25). Londres: Routledge.
- Joaquim, Graça. (2015). *Viajantes, Viagens e Turismo: Narrativas e Autenticidades*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Lobo, Susana. (2010). Sun, Sand, Sea & Bikini. *Arquitectura e turismo: Portugal anos 60. Revista Crítica de Ciências Sociais*, 91, 91-106.
- Lopes, João T.; Vilaça, Helena; Azevedo, Natália. (2018). Nota de apresentação. Da ambivalência do turismo na transformação das cidades. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, 9-12.
- MacCannell, Dean. (1999[1976]). *The Tourist: A New Theory of The Leisure Class*. Berkeley: University of California Press.
- Marques, Susana C. (2009). Imaginando Kolkata: O Turismo Internacional e as Representações de Terceiro Mundo em Photovoice. *Arquivos da Memória | Antropologia, Arte e Imagem*, 5-6, 119-151.
- Marujo, Noémi; Santos, Norberto. (2012). Turismo, Turistas e Paisagem. *Investigaciones Turísticas*, 4, 35-48.
- Nascimento, Alan F. (2020). Lugares Turísticos Instagramáveis: Autenticidade Via Imagem Na Era Da Sociedade Midiática. *Revista Anais Brasileiros De Estudos Turísticos*, 10(único), 1-7.
- Oliveira, Nelson; Brigas, Joaquim. (2014). A Comunicação No Turismo: Estudo De Caso Acerca Da Imagem Da Serra Da Estrela Plasmada Nos Panfletos De Promoção Turística. VIII Congresso Português De Sociologia: 40 anos de democracia(s) – Progressos, Contradições e Prospectivas (pp. 1-14). Évora: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Prata, Carlos. (2014). *As determinantes do projecto e as circunstâncias do ato projetual e da obra [tese de doutoramento]*. Porto, Portugal: Universidade do Porto.
- Pinto, João P. (2020). *O Perigo dos Galgamentos Oceânicos na Foz do Douro [tese de mestrado]*. Porto, Portugal: Universidade do Porto.
- Pritchard, Annette; Morgan, Nigel J. (2000). Privileging the Male Gaze: Gendered Tourism Landscapes. *Annals of Tourism Research*, 27(4), 884-905.
- Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc V. (2003[1995]). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rose, Gillian. (2007[2001]). *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials (second edition)*. Londres: SAGE Publications.
- Sampaio, Sofia. (2013). Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo. *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 17(1), 167-182.
- Sampaio, Sofia; Simoni, Valerio; Isnart, Cyril (2014). *Tourism and transformation: negotiating metaphors,*

- experiencing change. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 12(2), 93-101.
- Santos, Figueiredo. (2002). *Turismo mosaico de sonhos: incursões sociológicas pela cultura turística*. Lisboa: Edições Colibri.
- Scarles, Caroline. (2009). Becoming tourist: renegotiating the visual in the tourist experience. *Environment and Planning D: Society and Space*, 27, 465-488.
- Schmidt, Luísa. (2008). Capítulo 14 | Ambiente e políticas ambientais: escalas e desajustes. In M. Villaverde Cabral, K. Wall, S. Aboim, & F. C. Silva, Itinerários: A Investigação nos 25 Anos do ICS (pp. 285-314). Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.
- Schwarz, Kaylan. C. (2021). "Gazing" and "performing": Travel photography and online self-representation. *Tourist Studies*, 21(2), 260-277.
- Smith, Sean P. (2019). Landscapes for "likes": capitalizing on travel with Instagram. *Social Semiotics*, 31(4), 604-624.
- Suchar, Charles. S. (1997). Grounding Visual Sociology Research in Shooting Scripts. *Qualitative Sociology*, 20(1), 33-55.
- Uriely, Natan. (2005). THE TOURIST EXPERIENCE: Conceptual Developments. *Annals of Tourism Research*, 32(1), 199-216.
- Urry, John. (2002[1995]). *Consuming Places*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Urry, John. (1990). *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies*. Londres: SAGE.
- Urry, John; Larsen, Jonas. (2011). *The Tourist Gaze 3.0*. Londres: SAGE.
- Visit Porto. (2023a). Galeria de Documentos > Porto. Obtido em 26 de dezembro de 2023, de Visit Porto: <https://assets.portodigital.pt/visit-porto/files/Porto%20PT.pdf>.
- Visit Porto. (2023b). Galeria de Documentos > Best Spots. Obtido em 26 de dezembro de 2023, de Visit Porto: https://assets.portodigital.pt/visit-porto/files/Brochura%20Best%20Spots_online_compressed.pdf.

Agradecimentos

Esta pesquisa é financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia através da Bolsa de Investigação para Doutoramento 2020.04757.BD.

Declaração CRediT sobre autoria

Termo	Definição	Autor 1	A2
Conceitualização	Ideias; formulação ou evolução de objetivos e objetivos de investigação abrangentes	x	x
Metodologia	Desenvolvimento ou concepção de metodologia; criação de modelos	x	x
Software	Programação, desenvolvimento de software; concepção de programas de computador; implementação do código informático e algoritmos de suporte; teste dos componentes de código existentes	x	
Validação	Verificação, quer como parte da atividade quer separadamente, da replicação/reprodutibilidade global dos resultados/experimentações e outros resultados da investigação	x	
Análise formal	Aplicação de técnicas estatísticas, matemáticas, computacionais, ou outras técnicas formais para analisar ou sintetizar dados de estudo	x	x
Investigação	Condução do processo de investigação e investigação, realizando especificamente as experiências, ou recolha de dados/evidências	x	
Recursos	Fornecimento de materiais de estudo, reagentes, materiais, pacientes, amostras de laboratório, animais, instrumentação, recursos informáticos, ou outras ferramentas de análise	x	x
Curadoria de dados	Atividades de gestão para anotar (produzir metadados), lapidar dados e manter dados de investigação (incluindo código de software, onde é necessário para a interpretação dos próprios dados) para utilização inicial e posterior reutilização	x	x
Escrita - Esboço original	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, redigindo especificamente o projeto inicial (incluindo a tradução substantiva)	x	x
Escrita - Revisão & Edição	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado por aqueles do grupo de investigação original, especificamente revisão crítica, comentário ou revisão - incluindo fases pré ou pós-publicação	x	x
Visualização	Preparação, criação e/ou apresentação do trabalho publicado, especificamente visualização/ apresentação de dados	x	x
Supervisão	Supervisão e responsabilidade de liderança no planeamento e execução da atividade de investigação, incluindo mentoria externa à equipa central	x	x
Administração do projeto	Responsabilidade pela gestão e coordenação do planeamento e execução da atividade de investigação	x	x
Aquisição de financiamento	Aquisição do apoio financeiro para o projeto conducente a esta publicação	x	x

Fonte: reproduzido de Elsevier (2022, s/p), com base em Brand et al. (2015).

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 09.05.2023; Revisado / Revised / Revisado: 06.06.2023 – 05.10.2023 – 10.11.2023; Aprovado / Approved / Aprobado: 15.12.2023; Publicado / Published / Publicado: 29.12.2023.

Documento revisado às cegas por pares / Double-blind peer review paper / Documento revisado por pares ciegos.